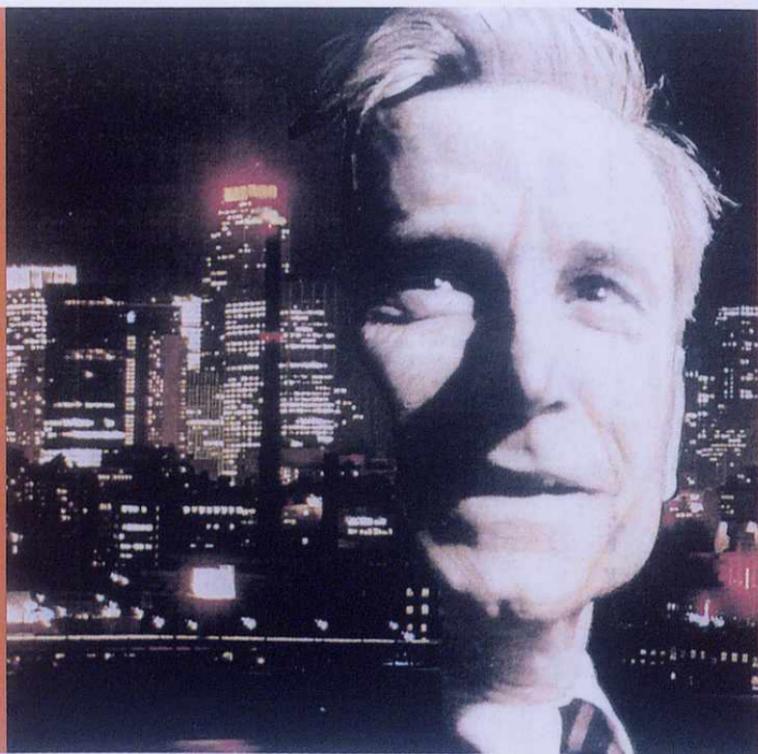




LEITURAS

Onésimo Teotónio Almeida
Coordenador

JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS: LISBOA EM MANHATTAN



EDITORIAL ESTAMPA

S|hi

DL 02.OUT 2001*200789

Onésimo Teotónio Almeida
Coordenador

JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS: LISBOA EM MANHATTAN



EDITORIAL ESTAMPA
2001

Shi

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	13
PREFÁCIO À EDIÇÃO PORTUGUESA – <i>Onésimo T. Almeida</i>	15
I. A AMÉRICA DE JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS – <i>Raymond Sayers</i>	25
II. AS MARCAS DO EXÍLIO NO DISCURSO DE RODRIGUES MIGUÉIS – <i>Eduardo Lourenço</i>	45
III. MIGUÉIS E OS RUSSOS: UM ESTUDO DE <i>NIKALAI!</i> <i>NIKALAI!</i> – <i>William B. Edgerton</i>	57
IV. AVATARES DO NARRADOR NA FICÇÃO DE JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS – <i>David Mourão-Ferreira</i>	69
V. NAS ASAS DE UM ARCANJO: IMPLICAÇÕES IDEOLÓGICAS DA ATITUDE NARRATIVA DE MIGUÉIS – <i>Ronald W. Sousa</i>	81
VI. CONSIDERAÇÕES SOBRE ALGUNS TEXTOS POLÍTICOS DE MIGUÉIS – <i>John A. Kerr, Jr.</i>	95
VII. GABRIEL: A MÁSCARA TRANSLÚCIDA DE MIGUÉIS – <i>José Martins Garcia</i>	109
VIII. JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS E AS SUAS MULHERES – <i>Maria Angelina Duarte</i>	129
IX. A VOZ DO IMIGRANTE NAS HISTÓRIAS DE MIGUÉIS – <i>Nancy T. Baden</i>	141

X. A ODISSEIA DA PERSONAGEM NA FICÇÃO DE MIGUÉIS – <i>Rafael Gomes Filipe</i>	163
XI. MIGUÉIS SEAREIRO – <i>Ana Maria Alves</i>	183
XII. MIGUÉIS – TESTEMUNHA E VIAJANTE – <i>Gerald M. Moser</i>	217
XIII. CONVERSA COM CAMILA MIGUÉIS – Conduzida por <i>Maria de Sousa</i>	229

APÊNDICE

J. RODRIGUES MIGUÉIS: LISBOA EM MANHATTAN – <i>Onésimo Teotónio Almeida</i>	245
ENTREVISTA COM JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS – Conduzida por <i>Carolina Matos</i>	251
PÁGINAS DE UM DIÁRIO DE J. R. MIGUÉIS – Selecção de <i>Maria de Sousa</i>	259
CARTA DE JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS PARA JORGE DE SENA	261
OS MORTOS (Poema) – <i>José Rodrigues Miguéis</i>	265
CRONOLOGIA – (Sete poemas e uma palavra pela vida e morte de um amigo) – <i>Maria de Sousa</i>	267
JOHN A. KERR, JR., MIGUÉIS – TO THE SEVENTH DECADE – <i>Maria Angelina Duarte</i>	277
NOTAS SOBRE OS COLABORADORES	279

XI. MIGUÉIS SEAREIRO

Ana Maria Alves

Perante o talento do escritor e o sentido universal da sua obra, o tema que me proponho abordar pode parecer secundário a quantos o apreciam como escritor. Falar de Miguéis como «seareiro» é abolir – ainda que apenas por razões metodológicas – a sua dimensão invulgar de ficcionista e procurar captá-lo apenas como jornalista, publicista e militante cívico e político.

As razões que me levaram a considerar este tema do maior interesse para a compreensão de Miguéis e para o estudo da sua obra dizem-se em breves palavras.

Antes de ser escritor militante – e é esse o conteúdo da vontade de clareza de estilo e da ideia que Miguéis tem da literatura¹ – Miguéis foi um militante que, entre outras coisas, escrevia. Escrever, falar, conviver, decorrem da sua intensa necessidade, moral e afectiva, de participar. É esta uma das características nucleares do homem que, antes de se revelar na sua obra, se revela exuberantemente na sua biografia juvenil.²

¹ Dizia o meu querido amigo Jorge de Sena, poeta e crítico do mais alto engenho (no sentido camoniano), que eu sou um escritor dos anos de vinte. (Nem sequer dos trinta, nem isso, há?) Conservo a marca da época. Deixá-lo: foi um tempo de coragem, afirmações e lutas [...] O tom pedagógico, satírico, naturalista, destas *Reflexões*, o seu estilo óbvio e comezinho, que era o da época, me confirmarão na má reputação, que tenho, de escritor *passé* reformador, não da, mas pela literatura.

É *Proibido Apontar*, Editorial Estampa, 1984, pp. 12-13.

² «Se a oratória me repugnava pela facilidade (escrever ser-me-ia sempre bem mais difícil), valia a pena sofrê-la para comunicar.»

«Lá Vêm os Poveirinhos», *Espelho Poliédrico*, Editorial Estampa, Lisboa, 1983, p. 29.

Miguéis é também um representante privilegiado da «geração nova» da República, geração de políticos e intelectuais hoje injustamente esquecida. Frustrada, sem saída e sem vitórias, vivendo o período conturbado entre a I Grande Guerra e a crise final da República, é à primeira geração democrática que se porá o problema da intervenção política, não já em termos de defesa da República contra a Monarquia, mas de defesa da Democracia contra o Fascismo.

Por último, a geração de Miguéis propunha-se como missões a crítica do sistema republicano por forma a reformá-lo e a democratizá-lo, e a modernização da vida nacional. Em termos políticos, ela foi a última geração antes da nossa que viveu em democracia e que analisou, em regime de liberdade de imprensa, os problemas nacionais. Neste sentido, a sua leitura tem hoje para nós o aliciante de um retomar de temas estruturais portugueses de duração muito mais longa que a de uma geração. Ler hoje Proença, a *Seara*, os escritores e jornalistas dos anos 20 entre os quais Miguéis, pode ter para nós o interesse que para eles teve a leitura dos textos políticos da geração de 70.

Miguéis é, pois, um escritor inconfundível mas também um caso paradigmático.

Percorramos com ele esse período trágico da vida nacional.

A Velha República e a Geração Nova

Miguéis nasceu em Lisboa em 1901. Na sua época de estudante, vive já na Almirante Reis, num prédio que pertence a seu pai, um descendente de emigrantes como tantos outros dos que diariamente chegam a Lisboa, tornando-a uma cidade gigante na escala de um país sem cidades, dinamizando-a e criando, ou tornando mais patentes, os problemas sociais historicamente novos num país atrasado.

A população da cidade, do nascimento de Miguéis à sua maturidade, vai crescer 15%. Nasceram novos bairros, as Avenidas Novas, rasga-se a Almirante Reis, onde vive, crescem os bairros das classes médias e eternizam-se os caboucos dos bairros sociais. Lisboa cresce anarquicamente ao sabor da especulação, descaracteriza-se ao gosto do

«gaioleiro» e é aqui que a concentração humana dá dimensão dramática a alguns dos problemas larvares do país: aqui se morre de tifo, de pneumónica, de tuberculose. Aqui os problemas sociais surgem menos mitigados, em contraste com o luxo ostensivo das classes abastadas e o atraso endémico parece maior face ao progresso técnico importado, o automóvel, o cinema.³

O jovem Miguéis é receptivo a todas estas imagens da cidade que cresce e se transforma. Encontramos nas suas primeiras páginas de jornalista e de escritor esboços do que será literariamente a sua Lisboa transfigurada e análises de grande objectividade dos problemas reais da cidade e do seu urbanismo.

A instabilidade financeira, a especulação e a inflação atacam no pós-guerra as bases económicas das classes médias urbanas, fazendo e desfazendo fortunas e gerando dois fenómenos chocantes: o «novo-rico» e a «pobreza-envergonhada», as duas situações a que Miguéis alude constantemente na sua ficção, pondo-as em contraste – e que designa pela expressão deliberadamente não teórica de «os de cima e os de baixo.»⁴ Os primeiros vão ser o bode expiatório da burguesia contra o aparente fracasso da sua própria moral. A «pobreza envergonhada», com a sua infindável galeria de desgraças discretas, vai ser a massa onde Miguéis vai buscar as floristas, as crianças descalças, as viúvas sem amparo e os velhos de fato coçado que saem das transversais mal iluminadas da Baixa para entrarem no seu universo de cronista.

A rapidez com que se alteram os dados económicos da vida quotidiana perturba os contemporâneos e o jovem Miguéis comparticipa nas críticas constantes à corrupção dos políticos, à «ganância» dos «burgueses», à «ânsia de enriquecer».⁵ Independentemente do que possa haver de justo numa ou noutra acusação, o que se pressente em todos os exemplos escritos deste *leitmotiv* da crítica é uma desadequação

³ A. H. de Oliveira Marques, *História da I República Portuguesa*.

⁴ Este é o título de uma das suas crónicas (em *É Proibido Apontar*) mas a frase surge várias vezes em textos de várias épocas.

⁵ Título de uma das suas crónicas em *A República* e tema de várias outras.

entre os valores morais herdados e assumidos e a nova prática económica, e uma mística do Progresso que se choca com as consequências desse mesmo progresso na vida quotidiana e nas mentalidades.

Para o homem médio este contraste resolve-se, em muitos casos, na convicção de que «o que é bom lá fora não é bom para nós» ou na criação de um novo mito espacial em que o Progresso, enquanto ideal, existe... mas, no estrangeiro. Na oratória política, dir-se-ia que os valores morais da república jacobina rejeitam as consequências práticas do crescimento capitalista e do liberalismo económico e é muitas vezes com fundamentos morais que se procura analisar e corrigir a decadência económica da Nação.

Lisboa não é apenas a capital da política, é o próprio sítio onde a política se faz. Pelas suas raízes urbanas, pela sua implantação social, pelo sistema eleitoral que marginaliza os analfabetos e, portanto, a esmagadora maioria do país rural, a vida política faz-se em Lisboa e é aqui que os conflitos de interesses ou o simples sectarismo partidário fazem e desfazem governos, criando um clima de instabilidade política que desacredita o regime e desmobiliza os seus partidários.

Ameaçado à sua direita pela reacção de cariz monárquico e clerical e por sectores militares que tinham saído prestigiados da guerra e queriam intervir na política; ameaçado à esquerda por um operariado incipiente mas activo, desinteressado da República e bebendo no anarquismo a inspiração para as suas acções, o regime republicano está sobretudo ameaçado pela sua fraqueza congénita que, no pós-sidonismo, se transforma em crise profunda. O período caracteriza-se pela falta de uma ideologia positiva e de programas, pelo constante fraccionamento de Partidos e pela constituição efémera de novos; pela instabilidade governamental e pela crise do Congresso.

As camadas médias urbanas, o grande esteio da República, depauperadas pela carestia de vida, apercebem-se de que, ao contrário do que o romantismo revolucionário deixara sonhar, não bastara abolir a Monarquia para regenerar o país e, desencantadas da política e dos partidos, aspiram, um tanto messianicamente, a um governo forte, de Salvação Nacional, com poderes excepcionais – a uma ditadura, em suma – capaz de lhes garantir a estabilidade económica e a paz social,

sem inquirir demasiado sobre as diferenças essenciais entre a ditadura que quer e as ditaduras que são possíveis⁶.

Esta aspiração, que é geral, só se pode compreender tendo em conta que a classe política portuguesa provém toda do mesmo estrato social e é numericamente muito pequena: ela constitui a cúpula dos escassos 30% de alfabetizados do país. Todos se conhecem, cumprimentam-se no Chiado e nas Arcadas. Só assim pode ter ganho força esse mito maior da política republicana do tempo, o de que é possível congregar boas vontades e formar, por uma espécie de «gentlemen's agreement» um governo de competências, suprapartidário e moralmente ímpoluto, de Salvação da República ou, mais vagamente ainda, de Salvação Nacional.

Enquanto os sectores republicanos assim sonham e a política se opera cada vez mais no vazio, a crise cresce no país rural, clerical, obscurantista e analfabeto, e o Integralismo Lusitano, a Cruzada Nun'Álvares, o Milagre de Fátima, são sinais expressivos da força revigorada dos sectores a quem a República não interessa e que ensaiam de novo a sua liquidação.

É em todo este universo mental que cresce e se educa a geração de Miguéis.

O jovem Miguéis

«O tempo da mocidade é curto, mas denso de afectos e actividades. Reagámos, sem dúvida, contra a confusão, a intransigência, os excessos de partidarismo, a desilusão, o mercantilismo da época; procurávamos um caminho, sem saber aonde ele nos levava; éramos parte da fermentação inerente às liberdades democráticas; e se ela decorria em câmara fechada, isso era preferível a estar calado ou morto.»⁷

⁶ Para Raul Proença, a ditadura só aproveitaria «aos nossos adversários» [...] «É de toda a evidência que entre nós, no actual momento, só há uma Revolução e uma Ditadura possível, é a Revolução e a Ditadura de Cunha Leal. Fazendo, pois, a propaganda da nossa ditadura, o que estamos a fazer [...] é a propaganda da única ditadura possível, aquela que viria agravar enormemente os males nacionais, aquela precisamente que para nós é infinitamente pior do que o pior de todos os parlamentos do mundo...» «A Ditadura», *Seara Nova*.

⁷ «Levanta-te e Caminha», *Espelho Poliédrico*, pp. 24-25.

Quando, em 1921, a *Seara* constituiu como grupo e publica o primeiro número da revista, Miguéis tem 20 anos, mas já não é propriamente um desconhecido nos meios intelectuais e políticos da capital. Aluno distinto do curso de Direito, republicano convicto e fogaoso, escritor e ilustrador, fizera já a sua entrada no jornalismo e revelara já os dotes que fariam dele um dos grandes oradores políticos do seu tempo. Miguéis é um dos jovens que se prepara para, na terminologia da época, «regenerar a República». Tem, por razões de classe e cultura, acesso aberto à carreira política; e é, por mérito próprio e pelas suas convicções, um possível futuro dirigente de uma esquerda democrática que se torna urgente organizar.

Enviara à *Capital*, aos quinze anos, um conto, o primeiro, que para seu grande espanto e deleite, fora publicado.⁸ Na sua qualidade de estudante, fazia parte de uma organização académica semijocosa, semicívica, a «República dos Mochos», que promovia o convívio dos republicanos jovens no ambiente hostil que era nesse tempo a Universidade.⁹

Muitos anos depois, referindo-se a esse período da sua vida, Miguéis dirá:

«Sem sermos estritamente políticos, tínhamos convicções de toda a ordem, mas não as brandíamos como um sabre ou um malho: antes com a inexorável e risonha tolerância da juventude... Mas não pretendíamos converter ninguém, nem salvar nada de exterior, porque acreditávamos na liberdade e tínhamos confiança no homem...» Corríamos as ruas, nosso palco, entre o *décor* das fachadas dormentes. Invadíamos os clubes populares, às vezes afrontando a ira dos desgraçados que tinham razões para ver em nós, apenas, o privilégio: dupla ilusão, pois nem eles eram o povo (mas a escória desesperançada), nem nós

⁸ «Aos quinze anos, mandei à *Capital* a minha primeira história, uma coisa mística que nada tinha em comum com a realidade da minha vida nem com a política do vespertino.

Comprei-o religiosamente dias seguidos, com crescente inquietação: o que não teriam rido à minha custa os redactores! Caía-me a cara, de vergonha! E uma noite o conto apareceu na íntegra, sem um comentário. Onde guardarei eu essa primeira transgressão?» (*Páscoa Feliz*, Nota do Autor, p. 154).

⁹ Ver «Enterro de um Poeta», *Espelho Politétrico*, p. 47, e «Requiem para Junqueiro», id. p. 63 «a reduzida falange de republicanos que levavam então, na Universidade de Lisboa, uma existência de meros tolerados».

éramos senão o contraprivilégio, o avesso da nossa própria condição, de que, sem ter culpa, nos penitenciávamos pela solidariedade com eles.»¹⁰

Este grupo de jovens republicanos, novos de mais para terem pegado em armas, sente todavia que tem um papel a cumprir e que ele não é o de simplesmente continuar o da geração revolucionária: «É por isso que esta mocidade de agora quer que a consciência nacional desperte para um trabalho maior de sólida reconstrução e para sentimentos mais belos. Não é uma revolta política – é uma revolução moral. Não é uma destituição material – é um esquecimento. Será da Nação que há-de sair o nobre exemplo para os políticos – que afinal não são senão o reflexo concentrado dos defeitos ou das doenças da sociedade. Que sejam os moços a lançar o brado necessário!»¹¹

Despertara também já em Miguéis a vocação para o jornalismo, no qual se estreia como ilustrador. Ilustrara primeiro um conto de um amigo para a *Ilustração Portuguesa*, ainda em 1920, e em 1921 ilustra vários artigos da efémera edição da noite do *Diário de Notícias*. Será de resto pelo desenho que se iniciará a sua colaboração nas páginas da *Seara*.¹²

Paralelamente com a sua actividade cívica na Liga da Mocidade Republicana, o fulcro da sua intervenção cívica em 1921 é o «Núcleo do Ressurgimento Nacional», organização tão ambiciosa quanto efémera e de que encontramos eco na obra de Miguéis e na imprensa da época.

O Núcleo do Ressurgimento Nacional

*Ainda hoje não sei dizer qual fosse o programa e o conteúdo ideológico do «Núcleo do (ou de?) Ressurgimento Nacional», nem por que meios ele contava regenerar a Pátria, essa velha obsessão.*¹³

¹⁰ «Enterro de um Poeta», *Espelho Politétrico*, p. 50.

¹¹ J. R. M., «Hora de Renovo», in *O Sol*, Beja, 21.4.1921, p. 1.

¹² Além das ilustrações para a *Ilustração Portuguesa* e o *Diário de Notícias*, faz um ex-líbris para Ivo Cruz, ilustra a 2.ª edição do livro de Mateus Moreno e faz a capa da *Nau Errante*, de Domingos Monteiro; ver Kerr. *Up the 70th Decade*.

¹³ «Levanta-te e Caminha», in *Espelho Politétrico*, p. 23.

O NRN é um dos vários grupos que se constituem neste período, inspirados por um patriotismo de pós-guerra e uma ideologia confusa que radica numa análise filosófica ultrapessimista do momento presente e ultra-optimista da natureza humana? Dos seus estatutos depreende-se que se trata fundamentalmente de uma organização de jovens estudantes e militares, embora enquadrados por republicanos mais velhos, e que os seus objectivos eram oito: a aproximação moral da mocidade; o robustecimento da raça e o desenvolvimento da sua educação; a reabilitação da cultura nacional; a integridade e o desenvolvimento das colónias; a orientação do regionalismo; o chamamento de todas as figuras de prestígio à vida activa da Nação; o intercâmbio cultural e artístico com o estrangeiro; e a cooperação com todas as iniciativas que tivessem por objectivo o bem comum.¹⁴

Todas estas actividades seriam desenvolvidas a partir de núcleos regionais a criar por todo o país e a sua sede provisória era em Lisboa, sede onde Miguéis afluía com o seu dinamismo imparável.

Compreende-se que, anos depois, Miguéis ironize: «Os nossos objectivos eram modestos, se exceptuarmos o de salvar a Pátria.»¹⁵

Este grupo tinha alguns apoios, designadamente dois órgãos de imprensa: o *Sol*, de Beja, e a *Alma Nova*, de Lisboa, onde Miguéis se estreou nas letras: «Foi nessa *Alma Nova* por sinal, que me estreei a sério, com uma prosa de que não tenho cópia nem lembro o título... Abria por estas palavras pouco ressurgistas: “Virás encontrar-me finalmente morto?”»¹⁶

Seria ocioso analisar o grupo e a sua acção, já que ela não terá tido qualquer importância na vida portuguesa para além da de contribuir para a educação dos seus membros.¹⁷ É todavia interessante destacar algumas referências ao *Núcleo* na imprensa para conhecermos melhor Miguéis e a sua acção:

«Quem são estes jovens?... É Gomes dos Santos, um organizador de rija tempera; é Rodrigues Miguéis, alma de artista, estudante distintíssimo com

¹⁴ *O Sol*, Beja, n.º 4, p. 1, Maio de 1921.

¹⁵ Ver «Janela com Paisagem», *Espelho Poliédrico*, p. 41.

¹⁶ *Id.*, pp. 40-41.

¹⁷ «Promovíamos saraus e comemorações patrióticas em escolas, sociedades, ateneus, asilos e teatros, com cantorias, piano, e discursos em barda. Todos os textos nos serviam». «Levanta-te e Caminha», in *Espelho Poliédrico*, p. 25.

especiais aptidões para a pintura e para as letras; é Mayer Garção, o filho do ilustre jornalista da *Manhã*, rapaz de invulgar inteligência. É Apeles Espanha, caricaturista distinto... É Rodrigues Cosme, inteligência robusta numa encadernação modesta...

Claro que os rapazes do Ressurgimento não pensam já, como tantos outros, em ser deputados, em subir a Ministros; eles pensam, sim, em tornar possível a existência de bons deputados, de bons ministros, amanhã, quando tiverem (pela propaganda) conseguido transformar esta atmosfera de corrupção em que vivemos numa clara e serena atmosfera de sublimes aspirações e rasgados horizontes.»¹⁸

Miguéis comporta-se no NRN como sempre o fará depois, como intelectual militante, incapaz de ficar à margem ou de se limitar à exposição de ideias, ansioso por mergulhar na acção. Apenas um exemplo:

Numa reunião do Núcleo de Lisboa, são aprovadas cinco acções imediatas e distribuída a sua responsabilidade pelos presentes. Das cinco realizações, Miguéis responsabiliza-se por três: ir a Tavira dinamizar o núcleo local, organizar a participação do grupo nas comemorações do Dia de Camões, e a homenagem aos mutilados de guerra – e acaba por organizar a quinta – a recepção aos pescadores poveiros.¹⁹

Apenas uma referência a uma realização a que Miguéis não alude, mas em que terá porventura tomado parte: a de uma quermesse a favor da Escola Primária de Cuba, obra filantrópica do Professor António Lopes Janeiro, impedida de prosseguir por falta de fundos. Este episódio poderá ter sido o inspirador do capítulo sobre a quermesse escolar que encontramos, anos depois e noutro contexto político, em *O Pão Não Cai do Céu*.²⁰

O jornal *A República*

Miguéis torna-se, entretanto, colaborador do jornal *A República*, onde enceta verdadeiramente a carreira para que sentia vocação.

¹⁸ Ver vários artigos de Santos Ferro in *O Sol*, Beja, de Maio a Julho de 1921.

¹⁹ Idem, e «Lá Vêm os Poveirinhos», *Espelho Poliédrico*, pp. 27-30.

²⁰ *O Sol*, n.º 14, p. 2.

«O que eu queria era fugir ao Curso, à “carreira”, a que, por abulia, me condenara.» [...] O jornalismo foi talvez a minha única vocação revelada. Ainda hoje me sinto repórter [...] «Meu pai levou-me um dia à Companhia Estoril, no Cais do Sodré, e apresentou-me a Ribeiro de Carvalho, seu cor-religionário. Estreei-me na *A República* (1922) com umas crónicas da Cidade, gratuitas, sob o título geral “Poeira da Rua”. Compunha-as na cabeça, andando pelas ruas depois do jantar. Já tarde, entrava na redacção, ia direito à mesa e escrevia-as de um jacto, com a pena de bicos tortos a raspar no papel passento...»²¹

Saudando o novo colaborador, *A República* refere, em notícia de primeira página:

«Começou a colaborar n’*A República*, embora alheio a política partidária, o ilustre quintanista de Direito dr. Rodrigues Miguéis, rapaz cheio de talento, de vivacidade e de bom senso. Trata-se de alguém que há-de ter um futuro brilhantíssimo na advocacia e nas letras. Todos os que trabalham n’*A República* se regozijam e orgulham com a sua camaradagem.»²²

Como jornalista, escreve sobre os temas do momento, analisa as questões nacionais e internacionais na perspectiva da esquerda democrática. Produz dois núcleos de artigos, voluntariamente polémicos: um, sobre o candente problema da nova lei do inquilinato urbano, em que apoia as opiniões de Azeredo Perdigão contra as do Ministro; outro, sobre a reforma do ensino proposta ao Congresso por João Camoesas, que Miguéis defende com brilho dos ataques dos sectores conservadores e de ideologia nacionalista, avessa ao progresso e defendendo sem critério um conceito passivo de tradição.²³

Nestes artigos, Miguéis aborda um tema que o interessará nos anos seguintes, o da Escola Nova, e na sua argumentação introduz temas que desenvolverá pela vida fora: as contradições da mentalidade castiça, o valor universal do progresso, a necessidade de uma moderni-

²¹ «Jornais, Revistas e Canções», *Espelho Politérico*, pp. 63-64.

²² *A República*, n.º 3772, p. 1, 1923.

²³ Os artigos e entrevistas, com os contra-artigos da polémica sobre educação começam com a «À Margem da Reforma da Educação» (24.5) e seguem-se-lhe «Questões Pedagógicas» (6.6); «A Polémica sobre a Reforma da Educação» (22.6); «Idealistas e argentários (2.8) e «À Margem da Controvérsia» (8.9). À Lei do Inquilinato dedica a entrevista com Azeredo Perdigão (22.6 e 7.7) e a entrevista com o Ministro da Justiça (8.6).

zação racional da vida portuguesa mediante reformas práticas ao nível das instituições.

Das suas várias afirmações cite-se apenas esta, para continuarmos a encontrar Miguéis nas suas próprias palavras e compreendermos a evolução das suas ideias e as razões da sua acção:

«A Revolução, a verdadeira revolução ainda não se fez em Portugal, apesar das mil bernardas que nos têm caído em cima. Mas essa não se fará nas ruas e não há-de meter tropas. A sua obra principal será a reorganização educativa. “A Crise portuguesa é principalmente moral!”»

Por mim, creio que é à República que incumbe, em Portugal, dar expressão aos sentimentos e às necessidades do nosso povo. Andamos há muito afastados do bom caminho. É preciso uma revolução para voltar a ele? Absolutamente. Mas uma revolução pacífica, nos nossos hábitos de trabalho – feita nos gabinetes, e não à metralha; coordenando as nossas actividades com a vida do mundo – e não recitando as bucélicas de Virgílio, de papo para o céu azul, à espera que o trigo rompa do solo duro – e os governos nos metam o pão com manteiga pela boca abaixo...»²⁴

A indiferença pela política; as actividades económicas parasitárias; e a mentalidade de bacharel, são os grandes alvos da crítica dos textos jornalísticos de Miguéis.

Mas n’A *República* sabemos já que, além de repórter, Miguéis foi também cronista, numa colaboração que começa modestamente na 5.ª página numa coluna que reparte com outros e se intitula «Crónica da Cidade – à margem –» para depois prosseguir, com mais espaço e na primeira página, com o título geral «Poeira da Rua». Nestas pequenas crónicas trata com uma aparente leveza alguns dos grandes temas da sua futura obra literária: a análise da psicologia e das contradições morais do burguês e mais precisamente do português médio; os contrastes entre a riqueza e a miséria e as injustiças sociais; os contrastes da vida lisboeta aparentemente modernizada pelo progresso mas onde os factores da persistência do passado são ainda fortíssimos...²⁵

²⁴ «A Reorganização da Educação Nacional e as opiniões do Sr. Torres», *República*, 22.6.1923.

²⁵ Miguéis publica três «Crónica da Cidade – à Margem» em 16, 17 e 19 de Maio; a «Poeira da Rua» edita-se de 23 de Maio a 7 de Agosto e os temas são: «Touros de Morte» (20.5); «Manhã Sentimental» (23.5); «O Sol» (26.5); «Lixo Sagrado» (30.5); «Vozes da Noite» (3.6); «Pelo Rei» (5.5); «Flores» (6.5); «A Guerra e a Paz» (7.5);

A Liga da Mocidade Republicana

Miguéis transitara entretanto para a Segunda Liga da Mocidade Republicana de que será membro dirigente. Dotado de «extraordinárias qualidades de trabalho e inteligência, Miguéis é já um dos mais respeitados e activos orientadores da nova geração»²⁶

«Ao mesmo tempo idealista, racionalista e materialista, sempre do contra mas crente e comprometido, renunciante e até agressivo, eu falava disto e daquilo, fazia discursos e escrevia artigos com finalidade pedagógica e instrutiva.»²⁷

Da sua actividade como secretário da Liga, resta-nos um discurso proferido nas comemorações do 31 de Janeiro de 24.²⁸

Depois de referir os objectivos da Liga e de afirmar a República como o regime capaz de recuperar o país, Miguéis aligeira a sua intervenção e referindo-se à crise nacional, afirma:

«Isto a que estamos assistindo em Portugal onde, no fundo, a evolução política se mantém, relativamente, muito atrasada, não é a crise da República. Isto é uma crise de carácter educativo, pedagógico: Portugal agita-se, debate-se, asfxiado pelo seu problema que nos vem das Conquistas e que criou na ordem económica o bacharel (símbolo do parasita), na ordem política o manga-de-alpaca e o chefe do centro (sinónimos de estagnação e intransigente imobilidade) e na ordem intelectual, com excepções, é claro, a série de pensadores

«Camões» (10.5); «Diplomatas» (12.6); «Espera de Toiros» (16.6); «Miss Dolorosa» (17.6); «O Meu Amigo Radical» (19.6); «O Preso» (27.6); «Meia Noite» (20.7); «A Dor» (7.8).

Fora destes dois núcleos, encontramos uma série de artigos e reportagens: «Portugal é rico mas nós não o sabemos» (1.4); «A Ânsia de Enriquecer» (27.4); «A Última Entrevista do Dr. Júlio Dantas» (13.5); «O que são os serviços antropométricos» (23.5); «Coisas deste Mundo» (15.8).

Faz também crítica literária (7.6; 10.6).

Miguéis refere ainda a sua colaboração num número especial de *A República* sobre a I Feira Comercial e Industrial no Palácio de Cristal no Porto, que não encontramos. Ver «Jornais, Revistas e Canções», *Espelho Poliédrico*, p. 63.

²⁶ Da introdução da redacção de *A República* ao discurso de José Rodrigues Miguéis, *A República*, 1.3.1924, p. 1.

²⁷ "Lamento – Sátira da Sazão Quente», in *Espelho Poliédrico*.

²⁸ *O Século*, 29 de Fevereiro, p. 1.

que vem do Bandarra aos sebastianistas e ao pó-de-arroz literário destes dias (fatalismo e futilismo)...»

«Enquanto senhores absolutos da ciência pública todos proclamam que em certo facto se encontra a origem única dos nossos males (uns apontam ainda o jesuíta, não poucos o talassa, todos a moagem e a finança; os trabalhadores burgueses apontam os proletários, estes o capitalista, este o governo; e ao passo que o governo acusa o Parlamento, os monárquicos acusam a República), a verdade é que em todas as classes e actividades há erros a corrigir, males gravíssimos a aniquilar.»

«Convençam-se duma coisa os que têm pressa: a reorganização da vida portuguesa tem de começar pela criação da escola nova, da moral nova [...]

... «Aos que sonham hoje a revolução social pela violência diremos que ela, como subversão completa da ordem existente, seria uma calamidade destinada a protelar ainda mais a cura dos nossos males.» «... A dolorosa verdade é que todas as classes, quebrados os liames da solidariedade para o bem comum, olham com benevolente apatia a possibilidade de cairmos, ou sob uma ditadura de fardas e tradições, ou sob uma ditadura do operariado – ambas igualmente perigosas; pelo seu exclusivismo e pelas convulsões a que dariam lugar...»

«... Queremos dar à República a possibilidade de ela vir a realizar, sem bruscos saltos, a obra a que visam os homens de pensamento: facilitar ao regime, pela criação duma opinião pública esclarecida e honesta, os meios de se libertar do que é mau e aproveitar o que é útil, na ordem humana e material, marcando assim o Estado pelo exemplo, o paradigma das virtudes sociais: atenuar a rigidez da organização económica, estabelecendo uma íntima cooperação entre o capital e o trabalho e protegendo a pequena propriedade, base do espírito de previdência, de aperfeiçoamento, familiar e de uma intensificação da produção – eis o que desejariam conseguir os rapazes que se agrupam na UMR.»

O projecto de Miguéis, nos seus aspectos morais, políticos e económicos; a forma como os expõe, têm já o cunho inconfundível da influência formativa que nele tiveram e terão esses «homens de pensamento» a que alude: os seareiros.

Miguéis é desde 1921 um frequentador da sede da Universidade Livre, no Largo Camões, onde o grupo seareiro se reúne todas as tardes e acolhe com especial carinho os jovens. Levado por Mário de Castro, aí vai Miguéis encontrar aqueles que serão os seus mentores espirituais e aí centrará, até à implantação do fascismo, a sua actividade literária, doutrinária e política.

Seria descabido e impraticável, no âmbito deste trabalho, historiar a génese e a evolução do grupo *Seara Nova*; e falar dos seus membros num espaço obrigatoriamente restrito levaria a cometer sínteses caricaturais e injustas.

Mais do que um grupo uniforme, a *Seara* foi essencialmente uma convergência de opiniões e de vontades, um grupo que ainda hoje impressiona pela envergadura mental e moral dos seus membros e que nas páginas da revista e à margem dela levaram a cabo uma obra literária, historiográfica, política, filosófica, e uma acção cívica que permanece como um dos mais notáveis movimentos de ideias que Portugal conheceu este século.

Perante o descrédito da política partidária, a crise geral da República e a decadência – ou o sentimento dela – da Nação, constituiu-se, em 1921, de um dos muitos grupos de intelectuais que frequentavam a Biblioteca Nacional superiormente dirigida por Jaime Cortesão, o grupo *Seara Nova* e, com ele, a revista de doutrina e crítica do mesmo nome que, através de todas as vicissitudes da República e depois durante o Estado Novo irá persistir e que durante cinquenta anos influenciou decisivamente a vida política e cultural do país.²⁹

Os objectivos da *Seara* não diferiam muito, à partida, dos muitos outros movimentos de salvação nacional que pela mesma época se constituíram. A sua diferença está mais na qualidade dos seus promotores e na capacidade que teve de, tornando-se um ponto de convergência de muitas opiniões, ter sabido permanecer. Os seus objectivos expressos eram o da criação nas suas páginas de um campo de debate sereno e esclarecimento oportuno dos problemas nacionais, por forma a promover a criação de uma opinião pública republicana, base da

²⁹ Sobre a *Seara Nova*, ver David Ferreira, artigo «*Seara Nova*» in *Dicionário de História de Portugal*. Veja-se também *Obra Política de Raul Proença* (2 vols., ed. Seara Nova, 1972, e *Antologia Seara Nova*) organização, prefácio e notas de Sotto Mayor Cardia, ed. Seara Nova, Lisboa, 1971. Ver também os números 500, 1000 e 1500 da própria revista. Para uma análise de pensamento seareiro, leia-se Cecília Barreira «O Ideário Seareiro: alguns apontamentos para uma polémica» (1921-1926) in *Diário de Lisboa*, 29.4.80; 9.5.80; 20.5.80 e 9.6.80, e 30.6.80 e Vasco Magalhães Villhena: *António Sérgio: o idealismo crítico e crítica da ideologia burguesa*.

verdadeira democracia e condição do seu aprofundamento. Paralelamente, a *Seara* assume-se como elite cultural, capaz de, por sua vez, dinamizar a formação de elites sectoriais, sobretudo políticas, técnicas e pedagógicas, capazes de levar a cabo a modernização do país e a morigeração da vida política. Pugna, em síntese, pela reforma das mentalidades, pela reforma da vida parlamentar, denuncia o reaccionarismo nas suas várias formas e defende um ideal de democracia francamente mais avançado que o ideário republicano.

Contra o romantismo na política e muito em particular contra o jacobinismo da República, a *Seara* apresenta-se com uma ideologia de contornos vagos, interpretada diversamente por cada um dos membros do grupo, mas que coincide no projecto comum de uma social-democracia avançada, o internacionalismo, e um ideal ético de socialismo que se realiza dentro dos quadros de uma democracia parlamentar, cabendo ao Estado um papel intervencionista do maior alcance, com base numa moral sem mácula.

A questão da ideologia seareira é hoje uma questão facilmente polémica, tal como no seu tempo o foi. Apresentando-se acima dos partidos e à margem deles, defensora intransigente duma independência que a levava a não querer assumir de boa vontade compromissos de qualquer ordem, a *Seara* apresentava-se também como um movimento não envolvido em interesses classistas e teoricamente supraclassista. Bastará porém a leitura do «Apelo à Nação» – programa do Grupo União Cívica, outro movimento efémero que teve o apoio seareiro – para se ver que a *Seara* representa, na realidade, a ideologia de esquerda da segunda geração da república; a *Seara* é, de forma lúcida e progressista, o porta-voz esclarecido das aspirações, possíveis e impossíveis da classe média e procura em seu nome uma saída para as suas frustrações republicanas.³⁰ A saída histórica foi,

³⁰ *Seara Nova*, n.º 1, Março de 1923. A *Seara* apresenta um «Programa Governativo de Organização Nacional» a ser levado a cabo por um governo de excepção para o qual pede a cooperação de todos os portugueses. No apelo a todas as classes que precede o programa, a *Seara* pede aos funcionários de Estado que *reconheçam* a necessidade de despedimentos, *deseja* ser ouvida pelas classes operárias, *conta* com a sensatez das classes possuidoras mas *está certa* de que «as classes medianas e liberais, vitimadas por tantas calamidades, prestarão de certo a sua força moral ao programa que apresentamos. Este quer salvá-las e defendê-las com justiça, porque são o eixo do equilíbrio social». (Os itálicos são nossos.)

como sabemos, outra. Mas foi esse o empenho seareiro e é neste âmbito que devemos procurar a sua grandeza e as suas limitações.

A *Seara*, nos anos que vão de 21 a 26, intervém em todas as grandes questões da vida nacional. Apesar de nos seus objectivos não se incluir uma participação directa na governação, é várias vezes convidada a participar em ministérios e acaba por participar no de Álvaro de Castro e no curto governo de José Domingues dos Santos. São de ministros seareiros algumas propostas e realizações de interesse no campo da agricultura, do ensino, da economia e finanças e da administração. Dedica um particular interesse à juventude e em especial à pedagogia e à escola – a essa escola que é o espaço utópico do socialismo ético e, para ele, a raiz da verdadeira Revolução.

O que é exactamente ser-se seareiro? É precisamente nesta ligação entre a vida intelectual e política, na ligação entre as ideias e a sua propaganda, entre a teorização e a sua divulgação pedagógica; em suma, num tipo de militância intelectual que desce à pedagogia política (mas que não quer intervir nela), que devemos procurar a resposta.

É neste meio invulgarmente rico, quer política quer culturalmente, que o jovem Miguéis se fixará até 1930, é aqui que se toma o escritor e o pensador adulto que iremos conhecer. Vejamos, em síntese, a sua colaboração nas páginas da revista e na actividade política do grupo.³¹

No que se refere à sua militância, Miguéis é um dos subscritores do apelo da *União Cívica*, outro projecto político nos moldes habituais. Colaborador de Sérgio na Biblioteca, é um dos dinamizadores da Liga Propulsora da Instrução Popular. Como Presidente da União da Mocidade Republicana, as suas tarefas são múltiplas e encontramos-lo em várias das iniciativas que se desenvolvem em Lisboa e na Margem Sul. Encontramos ecos de uma conferência sua, sob o título «A actual organização dos estudos jurídicos», na Universidade Livre, em 1923.³²

E, como não podia deixar de ser, num ambiente em que a política oficial é facilmente arruaceira, Miguéis enfrenta também alguns combates, já não de ideias mas de corpo a corpo; é um dos jovens que,

³¹ Veja-se, para a lista da colaboração de Miguéis na *Seara*, o trabalho inestimável de Kerr, *Miguéis, Up to the 70th Decade*.

³² *A Capital*, 14 de Abril, 1923.

no S. Luís, defenderá António Sérgio de enorme zaragata promovida pelos integralistas contra a sua conferência sobre o século XVI...³³

O ano de 1924 é o da formatura e do entrar penoso numa vida profissional sobre a qual não tem aspirações. Miguéis detesta o curso, a «carreira», e, além disso, não tem recursos económicos para montar escritório. Aceita uma proposta de ser advogado dos proprietários de hotéis, cargo que não lhe dá dinheiro mas também lhe não dá trabalho e lhe permite ter um escritório às Portas de Santo Antão, de onde se escapa sempre que pode para ir conversar com os amigos, ir à *Seara* e ao café...³⁴

No regresso da sua viagem de finalista, chegara a pensar em concorrer a bibliotecário. Aconselhado por Câmara Reys, acabará por concorrer no ano lectivo de 1926/1927, ao lugar de professor no Liceu Gil Vicente, experiência que descreve em «O Corcundinha».³⁵

Miguéis publica entretanto colaboração vária na *Seara*. Ilustrações, críticas literárias e artísticas, pequenas recensões sobre factos de vária ordem; de toda esta colaboração menor é de salientar a crítica de pintura, pois está por fazer a história da crítica de arte em Portugal, e os anos 20 e 30 são os do confronto entre as velhas tendências estéticas e o modernismo. A obra jornalística de Miguéis, bem como a de outro jovem seareiro, Manuel Mendes, podem com proveito ser analisada a essa luz.

A preocupação de Miguéis pelo ensino e pela pedagogia está patente em vários artigos sobre esse tema e em conferências que então profere; temos notícia de uma, na Sociedade Promotora de Educação Popular, sobre «O Sentido Social da Educação»³⁶ e de outra, na Universidade Popular, sobre «A Escola e o Trabalho»³⁷ mas, pelo testemunho dos seus contemporâneos, a sua actividade de conferencista era

³³ Ver ecos deste incidente na própria *Seara*, em o Mundo e n'A República.

³⁴ Um Eléctrico Chamado Salvador», in *Espelho Poliédrico*, pp. 81-86.

³⁵ O Corcundinha», *Espelho Poliédrico*, pp. 93-97. «Jovem, magrizela, tímido e caixa-d'óculos.»

³⁶ «Na Sociedade Promotora da Educação Popular», in *Caderno de anotações do anarquista Augusto Carlos Rodrigues*, inédito; estes cadernos e outras indicações foram-nos facultadas pelo estudioso do movimento operário, Sr. Alberto Pedroso, a quem manifestamos sincera gratidão.

³⁷ «Na Sede da Universidade Popular», in *A Batalha*, 24 Maio de 1929.

quase permanente.³⁸ Alguns dos artigos de Miguéis abordam o tema da reforma urgente do ensino e a defesa dos métodos da escola nova. Tem particular interesse o seu «Os catedráticos reclamam» em que critica o curso de Direito que terminara há pouco e, de um modo geral, os programas e os objectivos do ensino em Português.³⁹

Mas a preocupação de Miguéis pelo ensino vai mais longe: é o tradutor de um livro de cultura geral de nível básico, e co-autor, com outros seareiros, de três livros para o ensino básico e primário.⁴⁰

Os primeiros artigos políticos de Miguéis na *Seara* são intervenções suas na sua qualidade de jovem. De seguida, as preocupações políticas de Miguéis vão incidir sobre a necessidade de reforma do Congresso por forma a torná-lo mais eficaz, designadamente pela abolição do Senado e sua substituição por um Conselho Técnico.⁴¹ Ataca também o sistema eleitoral que reduz o voto a um privilégio e transforma a representação nacional na mera apresentação de clientelas partidárias.⁴² A simples enumeração dos títulos dos seus artigos políticos bastaria para sentir que é impossível resumir aqui, nem brevemente, as suas opiniões; mas elas integram-se facilmente na ideologia seareira e sofrem a influência dos seus mestres: a tão inegável quanto condicional influência de Sérgio – que ensinou a pensar todas as gerações de jovens, mesmo as que o contestaram – e a influência, aceite com alegria, do seu mestre Proença.

Simultaneamente com a sua participação como publicista, Miguéis, como já fizera n'*A República*, vai transpor para a ficção os grandes

³⁸ Pelo seu próprio testemunho. Miguéis, como Mayer Garção, é «orador para toda a obra» (*Espelho Politétrico*, p. 28).

³⁹ *Seara Nova*, n.º 52, Setembro de 1925. Ver também «A Educação Nacional e os Orçamentos», n.º 41, Fevereiro de 1925.

⁴⁰ Ver Kerr, *op. cit.*, itens n.ºs 96, 130, 131 e 132.

Traduz *Curso Sistemático de Lições de Coisas*, Ciclo 1, de Vincent Murché, ed. Liga Propulsora da Instrução em Portugal, 1926. É co-autor, com Raul Brandão, Câmara Reys, João da Câmara e Maximiliano de Azevedo de *O Meu Livrinho, O Que Nós Aprendemos – Leituras para a 3.ª classe*, e *A Escola e a Vida, Leituras para a 4.ª classe*, LX, Aillaud & Bertrand. Miguéis é também o ilustrador dos livros.

⁴¹ Ver designadamente «Política, Parlamento e Competência», n.º 39, Nov./Dez. de 1924; «Revisão Constitucional», n.º 49, Julho de 1925; «Salvemos o Parlamentarismo», n.º 70, Janeiro de 1926; «A Representação Proporcional», n.º 79, Março de 1926.

⁴² *Seara*, n.º 57, 24 de Outubro de 1925.

temas das suas preocupações sociais e da sua solidariedade humana. Artigos como «Em Louvor da Limpeza», «Reflexões de um Burguês», «Punir», «É Proibido Apontar», «As Ruínas do Coliseu» são alguns dos títulos de crónicas luminosas em que se abordam, num estilo límpido, um poder de comunicação incomparável e uma lógica exemplar, temperada de ternura e ironia, os temas e os problemas do quotidiano dos homens e do futuro da humanidade.

Paralelamente, é um «tarefeiro» da *Seara*. Angaria fundos, apoia Câmara Reys na tarefa equilibrada de assegurar a continuidade e a saída regular da revista. É um dos animadores da semana de propaganda da *Seara*, em Coimbra. Embora convidado, não aceita fazer parte dos corpos dirigentes da revista, mas participa na sua vida interna e intervém na sua orientação. Colabora nomeadamente no projecto, nunca levado a cabo, da transformação da *Seara* em jornal diário.

No ano de 1926, a luta da *Seara* endurece verbalmente. A crise política e económica portuguesa chegara ao seu ponto mais baixo. Perfilava-se no horizonte a ameaça do fascismo e a influência do exemplo de Mussolini e do riverismo em Espanha atraía os jovens e muitos intelectuais. Com a sua lógica implacável, esse jornalista ímpar que foi Raul Proença denuncia o fascismo e aponta os seus precursores portugueses. A *Seara* participa em Março na organização de uma «Semana de Propaganda contra o Fascismo», iniciativa que engloba elementos de toda a esquerda republicana e mesmo elementos moderados, e vultos do anarquismo e do socialismo. Entre os oradores seareiros contam-se os nomes de Cortesão, David Ferreira, C. Reys, do anarquista Emílio Costa e o de Miguéis.

É lamentável que tão pouco nos tenha ficado do que foram as intervenções dos vários oradores desta Semana. Dos resumos dos discursos na imprensa da época fica-nos a imagem crepuscular de velhos republicanos brandindo as suas brancas e inúteis armas da retórica e da coragem romântica contra um perigo que não distinguem claramente dos seus espectros monárquicos, clericais e sidonistas; de uma falta de convicção geral, tanto nos velhos românticos como nos jovens realistas, de que o perigo fascista não é real no nosso país e que não se adapta à mentalidade portuguesa e à sua tradicional brandura de costumes. A tendência geral é para o confundir com a reacção em



geral, para o justificar como consequência do bolchevismo e da violência da grande guerra e para o classificar como um caso de patologia política. Na linha política do artigo de Proença estão os discursos de Jaime Cortesão e de Rodrigues Miguéis. Este participa, nessa semana, na sessão do Sindicato dos Ferroviários do Barreiro, na da Rua das Flores, em Cascais, na da Universidade Livre, na do Grémio Escolar Republicano em Alcântara, e na sessão de encerramento, no Liceu Camões.⁴³

Temos um breve resumo do seu discurso. Miguéis acusa as escolas de contribuírem poderosamente para formar o reaccionarismo da juventude e lamenta que esta se deixe enganar pela propaganda fascista. Afirma, porém, que «o perigo fascista é um facto, mas não em Portugal. Entre nós é impalpável, imponderável, é um perigo moral». E, a terminar, manifesta a sua convicção de que a onda de liberdade e democracia que nasceu da guerra é imbatível.⁴⁴

Dois meses depois, estalava o movimento militar de Gomes da Costa. Os factos políticos seguintes, a ameaça de bancarrota nacional, a questão do empréstimo da Sociedade das Nações, vão agravar na opinião pública o sentimento de frustração e decadência. A ditadura instala-se sem protestos gerais.

A revolução abortada de Fevereiro de 1927 e a onda de repressão que se lhe seguiu tinham enfraquecido a oposição à ditadura e permitido ao regime que se instala afinar o seu aparelho repressivo. Há milhares de prisões e muitos intelectuais revolucionários seguem o caminho do exílio. Proença, Cortesão e Sérgio exilam-se em França, onde vão constituir, com Afonso Costa, José Domingues dos Santos e outros, a Liga de Paris, que procura, em vão, coordenar de fora a oposição ao regime.

A *Seara* sofre os ataques duma Comissão de Censura recém-instalada e ainda moderada, quando a comparamos com o que será nos

⁴³ «A *Seara Nova* teve o seu lugar nitidamente marcado nessa sessão. Os seus oradores, Rodrigues Miguéis e Câmara Reys, foram escutados com o maior respeito e saudados calorosamente porque, não lisonjeando o espírito simplista da multidão, pronunciaram... palavras com a nudez impoluta de afirmações idealistas, aceitando a solidariedade, porventura momentânea, de outros homens sinceros, mas de credos diferentes, falange do mesmo ideal de liberdade.» *Seara*, n.º 80, 27-3-1926.

⁴⁴ *A Batalha*, n.º de 19 a 26 de Março de 1926.

anos 30. Com oscilações na sua periodicidade,⁴⁵ com colaboração de acaso por dificuldades de última hora, a revista vai saindo, e os exilados enviam regularmente a sua colaboração. «Colaboradores não faltam» – assegura Câmara Reys, em carta a Sérgio datada de 28.⁴⁶

Um dos colaboradores regulares continua a ser Miguéis, que é agora professor de liceu. Entre as aulas, as conferências, a actividade seareira e uma actividade política que certamente existiu mas de que não temos relatos,⁴⁷ Miguéis vai escrevendo e rescrevendo aquilo que virá a ser a *Páscoa Feliz*. E em 1929 parte para a Bélgica, como bolseiro. Estuda, convive, contacta com os emigrados políticos portugueses a quem serve de correio de artigos, fundos e orientações políticas. Está em gestação uma aliança liberal contra o regime. Toma contacto directo com a acção dos socialistas belgas, analisa a experiência trabalhista inglesa, apercebe-se noutra latitude da dimensão da ameaça fascista. Convive com os meios de exilados russos onde conhece a que virá a ser a sua primeira mulher.

É da Bélgica que envia à *Seara* o seu artigo «Sobre os fins e a coragem nos meios de actuar»⁴⁸ que marcará as suas divergências com o ideário seareiro e a sua partida para um novo campo de luta.

Antes de analisarmos esse incidente, permita-se uma referência a outras actividades seareiras de Miguéis fora das páginas da revista:

Encontramos o rasto de Miguéis nas actas das assembleias da *Seara Nova*, e sabe-se que, embora convidado, recusou fazer parte dos seus corpos gerentes. A sua actividade de conferencista prossegue. Em 1927, concede uma longa entrevista ao jornal *Batalha* sobre a nova lei do Jogo.⁴⁹

Intervenção mais directamente política teve-a em 1925, quando a *Seara* participa na constituição de uma coligação de esquerda para concorrer às eleições legislativas e camarárias. A coligação não che-

⁴⁵ A *Seara* é sujeita ao regime de censura a partir do n.º 94 (Setembro de 1926) e suspende a sua publicação no n.º 96 (Agosto).

⁴⁶ Das cartas inéditas de Sérgio.

⁴⁷ «Aqui na Bélgica, post tantos tantisque labores, não como emigrado político (apesar de alguns esforços que fiz para cair em desgraça...)». Carta de Miguéis a Sarmento Pimentel, de Bruxelas, 6.3.1930, da colecção de Jacinto Baptista.

⁴⁸ *Seara Nova*, n.ºs 220 e 222, Set. e Out. de 1930.

⁴⁹ *A Batalha*, 11.5.27.

gou a existir para as legislativas mas funcionou para as municipais: os nomes propostos pela *Seara* foram os de Jaime Cortesão e Rodrigues Miguéis, tendo o primeiro sido eleito.⁵⁰

No momento da sua saída do grupo, Câmara Reys, em nome colectivo dirá: «Durante cerca de oito anos, foi um dos camaradas mais úteis e mais dedicados, procurando de cara alegre e ânimo modesto, as tarefas mais materiais e mais árduas, com um misto admirável de dedicação consciente e espontaneidade afectiva. Sem ele – e mais dois ou três grandes amigos – as oficinas da *Seara* não seriam hoje uma realidade porque não haveria a coragem de pedir, repetidas vezes, a outras pessoas, uma confiança abonadora, sem o constrangimento duma hesitação, duma arrogância, dum ar protector ou de um compromisso.»⁵¹

A Ruptura

Numa carta aberta a Câmara Reys com que encerra o debate levantado pelos seus artigos e comovidamente se despede da *Seara*, Miguéis afirma:

«Aqueles dos meus amigos a quem eu mais frequentemente tenho comunicado há alguns anos uma certa parte dos meus pensamentos, conhecem a direcção cada dia mais pronunciada das minhas opiniões. Para eles, e para quem tenha sabido ler os meus artigos, não é novidade a evolução, ou melhor, a definição que se vinha operando no meu espírito e que não pode ter escapado aos nossos três amigos de Paris.

«Que quis com os meus artigos? – marcar o sentido em que, a meu ver, deve encaminhar-se a acção política e social dos intelectuais democratas do nosso tempo, por oposição, em grande parte, aos métodos da grande geração e aos da *Seara Nova* no presente... e ir ao encontro do que *considero a missão essencial do nosso tempo – o trabalho duro da realização da democracia socialista pelo próprio povo.*»⁵²

Na verdade, o leitor atento dos artigos de Miguéis na *Seara* entre 1926 e 1930 nada encontrará que não caiba dentro das assimetrias normalmente admitidas pela convergência seareira. Talvez a censura prévia tenha esbatido alguns contrastes?

⁵⁰ David Ferreira, *op. cit.*

⁵¹ *Seara*, n.º 231, Dezembro de 1930.

⁵² *Seara*, n.º 231, Dezembro de 1930.

Seria cometer um grave anacronismo atribuir a certas frases mais radicais dos artigos de Miguéis, um conteúdo que elas objectivamente não têm. Nem seria de esperar que a Censura deixasse passar graves acusações contra o regime ou propostas abertas para a sua liquidação.

Encontramos todavia, num artigo de 1927, uma afirmação que em Miguéis corresponde a um repensar profundo do seu ideário político e que assume, para quem conhece a sua biografia, um significado dramático:

«As duras provações que nos esperam no futuro estimulam-me a reflectir sobre uma ideia de que eu bem desejaria não ter consciência, mas que aceito corajosamente: temos de fazer tudo de novo.»⁵³

Mas mesmo este artigo é uma crítica ao sectarismo dos partidos que persistem nas suas querelas em plena ditadura e contém uma defesa convicta das posições seareiras.

Vejamos brevemente os dados do processo para procurarmos interpretar o sentido da ruptura.

Castelo Branco Chaves publica, ainda em 1929, um artigo sobre «O conceito de Revolução em Eça de Queiroz».⁵⁴ Afirmando que a geração de 70 foi «das raras “elites” revolucionárias que Portugal possuiu e das que mais nobre e persistentemente tentou empreender a reforma das mentalidades e dos costumes nacionais», C. B. Chaves transcreve o seguinte passo das *Farpas*:

«Queremos a revolução preparada na região das ideias e da ciência: espalhada pela influência pacífica duma opinião esclarecida: realizada pelas concessões sucessivas dos poderes conservadores; enfim, uma revolução pelo governo tal como ela se faz lentamente e fecundamente na sociedade inglesa. É assim que queremos a revolução. Detestamos o facho tradicional, o sentimental rebate de sinos; e parece-nos que um tiro penetra o adversário um tanto de mais.»

Em suma, um Eça seareiro.

É a este artigo que alguns meses depois Miguéis responde de Bruxelas, com os seus dois artigos «Sobre os fins e a coragem nos meios de actuar». Neles apresenta uma interpretação da geração de 70

⁵³ Reflexões», *Seara*, n.º 30, Junho de 1927.

⁵⁴ *Seara*, n.º 205, 20.3.1930.

radicalmente oposta à da veneração seareira. Salvaguardando a sua amizade pelo grupo seareiro situa-se já de fora e afirma:

«O ponto é que a democracia – no que tem de vivo, de evolutivo; de actuante, de radical, ou mesmo, se quiserem de jacobino – vem sofrendo certos ataques surdos e disfarçados que algumas vezes se revestem de atitudes irrepreensíveis, mesmo de aceitação ou de concordância com o espírito democrático. Um dia é um senhor que desdenha em nome de não sei de quê da fé ingénua e popular dos primeiros tempos da República; depois outro senhor, das alturas da crítica literária, e filosófica, intenta desarticlar, dissociar dois conceitos íntima e estruturalmente ligados, como os nervos e as fibras musculares: o pensamento e a actuação revolucionária» [...] «O Sr. C. B. C. saiu insensivelmente do terreno da crítica filosófica, literária e histórica para o das apologias sociais. Ora se em todo o caso, é sempre a ideia, e outros conceitos igualmente simpáticos, que dominam todas as apologias, campanhas e controvérsias desta revista, a verdade é que nunca a apologia dos princípios nos pôs em conflito com os métodos (ou certos métodos) necessários, empregados na sua realização.»

Desenvolvendo de seguida a ideia de que há momentos históricos em que a violência é necessária, acrescenta:

«Se o Sr. C. B. C. perguntasse aos membros da *Seara Nova* se eles entendem que a República teria sido possível sem a Revolução de 3 a 5 de Outubro de 1910, as respostas divergiriam talvez em aspectos de pormenor – mas o que alguns não poderiam negar é que se bateram, então e depois, para implantar e salvar a democracia em Portugal. Aí os tem o Senhor envoltos na condenação e no fumo do charuto de Ramalho!» [...]

«Por mim, não receio as contradições de que possam acusar-me. Entre a ideia de furar uma rocha ao meio ou o acto de a furar, vai um abismo. Ponhamo-nos todos – os idealistas – em frente da rocha, a pensar que é preciso fazer-lhe um furo, e digam-me se é possível admitir que a rocha, sob o esforço apenas da nossa ideação, se abrirá de lado a lado [...]. Os meios de actuar, os instrumentos, a acção, são o prolongamento necessário das ideias. Quem aplaude esta e recusa aquelas, ou mente no seu idealismo por inconsciência ou estupidéz, ou anda a embalar os outros, a deitar-lhes poeira nos olhos.»

Por fim, depois de uma análise das diversas formas de encarar o exemplo em história, Miguéis conclui o seu primeiro artigo:

«O importante, no momento, é saber até que ponto uma interpretação, aparentemente ingénua, doutrinária, inofensiva, do pensamento de um homem ou duma época intenta estabelecer uma norma de conduta – isto é, impelir-nos

em nome dos ideais no sentido duma renúncia a certos processos de luta. As ideias não se criam para inibir, mas para estimular a acção e como inícios de acção. E na hora de conflitos que o mundo atravessa, não é positivamente de secundária importância assentar em quais os meios de que é possível ou legítimo haver recurso para sair da encruzilhada.»

No segundo artigo, Miguéis denuncia o fracasso político da geração de 70, tema que irá retomar e desenvolver, mais tarde, no *Diabo*.⁵⁵ E analisando o papel dos intelectuais nas revoluções faz algumas afirmações que se dirigem mais propriamente a um seareiro – essa figura controversa que é António Sérgio – que à geração de 70.

«O que leva à falência muitos intelectuais é a sua falta de coragem e de serenidade perante os acontecimentos, a sua obstinada crença na eficácia das ideias agindo como ideias e não como instituições – a sua pertinácia em recuar perante os fenómenos, não poucas vezes dolorosos, da fecundação e da gestação das suas mesmas ideias. A persuasão pela lógica, pelos argumentos ou pela expressão pura e simples das ideias, não passa dum sonho, embora delicioso.

«Que é, pois, (para eles) a revolução? Simplesmente – o *surge et ambula* intelectualista. Consiste em produzir ensaios e artigos modelares, de estilo apimentado e com recorte elegante, em pronunciar conferências modelares que implicam risonhamente com a moral burguesa – e em ir para casa, lido o *Figaro* e o *vient-de-paraitre*, de chinelos, no agasalho confortável dum lar burguês, esperar que o manjerico da revolução cresça cá fora, dê cheiro e floresça... A revolução (como diria o querido e prudente Emílio Costa) – se a burguesia quisesse...»

Posteriormente, os seareiros de Paris solidarizam-se com Castelo Branco Chaves e numa nota sob o título «Zé Miguéis», do punho do conciliador Câmara Reis, a revista despede-se comovidamente do seu ex-colaborador.

Haverá ainda alguns ecos deste incidente, mas será inútil historiá-los aqui. É fora da revista, na sua 2.^a fase de colaboração n'*A República* e sobretudo no seu romance *O Pão Não Cai do Céu* que teremos de encontrar as causas profundas da ruptura.

Os métodos de persuasão política da *Seara*, com a sua lógica própria para o período final da República, são de uma total ineficácia no

⁵⁵ «Paixão e Calvário das Letras Portuguesas», in *O Diabo*, 11 de Maio, 18 de Maio e 8 de Junho de 1940.

combate à ditadura. Nem a Censura permite o livre debate das ideias – ela própria se encarregará de fazer uma opinião pública, não pela persuasão mas pela propaganda – nem a política irá ser morigerada pelo exemplo seareiro ou os seus programas reformadores tidos em conta.

Os mais ilustres seareiros estavam no exílio, depois da gorada revolução de 1927. Proença e Cortesão eram a vários títulos heróis da República e tinham sabido defendê-la de armas na mão; mas a *Seara*, no seu conjunto, continuava imperturbavelmente a propor o mesmo ideário passivo, agora que o fascismo se instalava.

Era sobretudo António Sérgio o visado no ataque de Miguéis a C. B. C., um ex-monárquico trazido por Sérgio para a colaboração na *Seara*, num daqueles seus gestos politicamente irritantes de conciliar os inconciliáveis e de unir os opostos políticos num utópico programa comum. É a Chaves que Miguéis diz o que certamente já dissera a Sérgio, que o papel desses intelectuais na presente situação é o de «serem comidos».

Sabemos pela correspondência entre Câmara Reys e Sérgio entre 1927 e 1930 que Miguéis se encontrava várias vezes com os seareiros de Paris; Sérgio lamenta em dado momento que Miguéis não tenha aceite o secretariado da Liga Propulsora e noutra carta, talvez na sequência das conversas a que Miguéis alude, Sérgio refere-se-lhe chamando-lhe «esse jovem bolchevique».⁵⁶

Nesta alusão sergiana, que não pressupõe qualquer animosidade, está contida a grande questão que divide Miguéis dos seareiros no seu conjunto e muito em especial de Sérgio: a de necessidade de ser o povo a fazer a sua própria revolução; o que contém, implicitamente, o repensar da posição do intelectual nessa revolução.

O ideal seareiro defendia inflexivelmente a via do debate e da acção política no âmbito da legalidade democrática e opusera-se sempre, na teoria e na prática, a qualquer revolução. Tendo em conta as inúmeras «revoluções» dos anos finais da República compreende-se esta posição; o problema que Miguéis levanta é o do rever da prática política das novas condições da ditadura.

⁵⁶ Cartas inéditas.

É nesta perspectiva que é possível uma leitura do mais político dos romances de Miguéis, *O Pão Não Cai do Céu*, e seguir a evolução das suas ideias.

Um Idealista no Mundo Real

No seu regresso da Bélgica, Miguéis vai retomar a sua vida profissional, o convívio com os amigos, a actividade política e propagandística, mas nas condições progressivamente mais difíceis da ditadura.

Publica o seu relatório de Bolseiro; mantém a sua colaboração como conferencista na Universidade Popular.⁵⁷ Em Janeiro de 35 faz parte de uma comissão eleita pelos intelectuais e jornalistas portugueses para criar um centro cultural do tipo do Ateneu, de Madrid.⁵⁸ É entrevistado pelo *Diário de Lisboa*⁵⁹ sobre o «Panorama Literário Português» e delegado, juntamente com Cortesão, ao Congresso Mundial da Cultura.⁶⁰

Como jornalista, começa a percorrer a via-sacra dos jornais democráticos. Colabora no *Linha-Geral* de Leiria, escreve regularmente em *A República* e episodicamente noutros jornais; é co-director, com Bento Caraça, do efémero *Globo*, apreendido pela censura ao terceiro número. Fixa-se como colaborador em *O Diabo*, um jornal unitário da esquerda democrática republicana e dos marxistas onde colabora a sua geração; a sua colaboração não é apenas escrita; é um dos activistas cujo dinamismo permite a subsistência da sua publicação.⁶¹

⁵⁷ Conhecem-se pelo menos duas conferências. Uma, a que acompanhou o concerto musical organizado por Ema Romero de «Música Popular da Sicília» foi proferida a 25 de Novembro de 1934. Foi o 58.º concerto organizado por Ema Romero e o primeiro dado na Universidade Popular. A partir deste, os concertos eram dados ora em casa de Câmara Reis, ora na Universidade Popular.

Em 14 de Junho de 34 no sétimo dos «Serões Literários» da U.P.P., Miguéis trata o tema «A Psicopatologia na Literatura».

⁵⁸ «A Cidade», in *O Diabo*, 3.2.1935.

⁵⁹ *Diário de Lisboa*, 22.3.1935.

⁶⁰ Ver «Breve Encontro com Malraux» in *Espelho Poliédrico*, p. 103.

⁶¹ «Uma daquelas pessoas que maior esforço deram para que este jornal se afirmasse.» Nota da redacção de *O Diabo*, quando Miguéis publica «Paixão e Calvário das Letras Portuguesas». Ver nota 55.

No *Linha Geral* publica, entre outros, dois artigos de opinião: num deles, analisa o conteúdo de classe do conceito de liberdade⁶² e noutro as condições da paz;⁶³ é todavia no *República* que publica o núcleo mais importante de artigos desta época.

Em «Os Homens têm sede de solidão, vida própria, de autonomia interior»,⁶⁴ nega a opinião comum de que o capitalismo seja o regime que melhor defende a liberdade individual e depois de criticar o irracionalismo da sociedade liberal conclui: «Nas suas formas mais progressivas, o socialismo unirá esses dois aspectos da vida humana – o colectivo e o individual – tão perfeitamente como as duas faces duma mesma moeda.»

Em «A crise e a proletarização das classes médias»⁶⁵ aborda o tema da consciência de classe, tentando definir o que é a consciência proletária, prevendo que o rápido empobrecimento «criará nas massas formidáveis de desempregados, dos empobrecidos, dos arruinados, com o desespero de reconquistarem a situação perdida, uma nova mentalidade, radicalmente diferente da antiga – uma verdadeira consciência proletária, em suma».

Em «A Pomba da Paz na Gaiola de Arame Farpado»⁶⁶ analisa as condições em que as democracias tradicionais poderão opor-se ao militarismo fascista e, a dado passo, comenta: «Até onde poderão resistir as forças da democracia ao embate surdo e constante da vaga imperialista? As energias desagregadoras são cada vez mais fortes e activas. E claro que outras forças se constituem paralelamente, demonstrando a verdade genial da evolução dialéctica da história... mas não é este o momento de as estudar.»

Em «Considerações à margem da liberdade e da autoridade do Ensino»⁶⁷ Miguéis defende, como noutros artigos, a necessidade da intervenção do Estado na vida social, contra o conceito liberal de Estado. E afirma: «Por agora, o equilíbrio interno dos Estados precisa,

⁶² «Notas sobre um conceito inofensivo», *Linha Geral*, Leiria, 31 de Dezembro de 1931.

⁶³ «Firmai a Paz», *id.*, 10 de Março.

⁶⁴ *A República*, 24 de Julho de 1932.

⁶⁵ *Idem*, 6 de Agosto de 1932.

⁶⁶ *Idem*, 25 de Julho de 1932.

⁶⁷ *Idem*, 29 de Junho de 1932.

para manter-se, de alargar o intervencionismo oficial nos negócios que, aparentemente privados, envolvem profundamente os interesses gerais. E dentro ainda da ordem burguesa e liberal, este facto constitui um começo de vitória dos princípios socialista. Mas dos princípios aos factos vai um largo passo...»

É num romance que encontramos a autobiografia política de Miguéis nos anos 30 e a sua resposta prática à doutrina seareira: *O Pão Não Cai do Céu*, o mais político dos seus romances e curiosamente o mais neo-realista – e, recorde-se, o neo-realismo iria ser a estética do antifascismo português.

A família Boleto é a transposição para os anos 30 e para o ambiente alentejano da família masculina de Miguéis – o que quer dizer, da família em sentido político.

O pai Boleto é um proprietário médio, republicano convicto (o pai de Miguéis fora almeidista) que reconhece que, com a República, «os ricos ficaram mais ricos» mas não abdica das suas convicções e do seu apoio bem-intencionado à escola, à cooperativa que nunca se chega a formar e ao sindicato agrícola.⁶⁸ É um parente espiritual do Artur/Miguéis, marido de Umbelina que, perante a agressividade do capitalismo-liberal, conclui que «nunca havemos de passar da cepa torta».⁶⁹

O irmão mais velho «navega nas mesmas águas» mas mais à esquerda. Para ele, a reforma agrária era «a alavanca de Arquimedes, mas, como ao géometra, faltava-lhe o ponto de apoio.»⁷⁰

José Boleto-Miguéis é mais «avançado». Bom aluno, escreve nos jornais de província, envolve-se nas greves estudantis e acaba por ser expulso da Universidade. O seu ideário político é o de «um socialismo democrático, eclético, bebido nos livros e no convívio de intelectuais reformistas, vendo nele a solução do todos os problemas; «... a par da reforma da cultura, problema central, a nacionalização progressiva da terra, dos bancos e das minas, e mais tarde a das indústrias produtoras, dos transportes e das comunicações, ou seja, a dos instrumentos de produção – tudo isso dentro da fórmula parlamentar e mediante a justa indemnização aos antigos detentores. Pouco a pouco, até onde fosse

⁶⁸ *O Pão...*, p. 36.

⁶⁹ «Os de Cima e os de Baixo», in *É Proibido Apontar*, p. 124.

⁷⁰ *O Pão*, p. 38.

possível, as cooperativas de produção, circulação e consumo, iriam tomando conta da economia nacional. Era um processo evolutivo e, em regime de livre opinião, sujeito a consultas frequentes ao eleitorado muito alargado e que faria a felicidade do povo por via do voto dos cidadãos progressivamente mais educados e conscientes...»⁷¹

É esta a tese de José Boleto estudante, tese que é aliás a transposição romanceada do ideário seareiro, designadamente do exposto por ele próprio, por Cortesão e por Mário de Castro nas páginas da revista; a proposta política para o desenvolvimento do Alentejo é a que Mário de Castro expõe, em 1931, na sua série de artigos sob o título «Alentejo, Terra de Promissão».

Todo o seu projecto, porém, «ideias, factos, conclusões, os fins e os meios de os alcançar – era considerado subversivo ou revolucionário, e se a polícia lançasse mão do manuscrito era positivo que o destruiria e poria a ferros o seu autor». Boleto-Miguéis apercebe-se, todavia:

«que concebera o seu trabalho honesta e sinceramente, à luz de uma ideologia que as circunstâncias pareciam tornar inviável: na fé de que o regime republicano seria capaz de efectivar as reformas de há séculos reclamadas por economistas, pensadores, eruditos, e até alguns políticos, como Mouzinho, Elvino de Brito, Oliveira Martins, Ezequiel de Campos, Azevedo Gomes. Pressupusera-se que tudo isso, e mais, se poderia conseguir ao toque mágico da varinha da persuasão [...]» «Percebia que ficara, como alguns dos seus mestres, como o pai e o irmão, fiel ao individualismo e ao livre jogo do parlamentarismo liberal. O seu socialismo era um “manto diáfano” de fantasia, a encobrir a “nudez crua” das realidades políticas e sociais. Tinha acreditado que uma República de pequenos proprietários, industriais e artífices, estruturada no cooperativismo e sob a égide e orientação do Estado paternalista e interventor, faria a felicidade dos homens; contra o parecer de anarquistas, sindicalistas e comunistas, que viam nisso a origem duma nova burguesia e uma barreira à revolução social, ele preconizava a partilha da terra monopolizada e a sua exploração cooperativista com o amparo e guia do poder central. As suas ideias ainda hoje lhe pareciam acertadas e justas, mas sentia-se vacilar. Onde estava a sua convicção de um ou dois anos atrás? Nada se alterara no seu pensamento nem no estado das coisas: eram as condições de acção e a têmpera dos homens que tinham mudado.»

[...] «Que Fazer? Como passar da utopia à acção?...»⁷²

⁷¹ *Idem*, p. 39.

⁷² *Idem*, p. 98.

O «revolucionário» não é ele, José Boleto, mas o Engenheiro Sarmento, figura literária inspirada nos políticos clandestinos desse período e em Raul Proença.⁷³ «Político? Era e não era: Não tinha papel dirigente nem militar nunca em partidos.» É um comunista; e é pela sua boca que Miguéis critica a filosofia de José Boleto; é ele que afirma:

«O idealismo quer os fins, mas recusa os meios de os alcançar. A discussão, a pregação, a persuasão – se tais coisas ainda fossem possíveis ou permitidas sob este regime – são nobres e dignas ocupações dos espíritos ágeis e lógicos: Mas na prática levam a um beco sem saída [...] É-nos preciso sair do mundo anterior da Ideia Pura da revolução como “Movimento de ideias” e passar da pregação à execução [...] Note-se porém que não falo ainda da conquista do poder nem da ditadura do proletariado, mas da revolução democrática de conteúdo progressista...»⁷⁴

Sobre o papel dos intelectuais nesta revolução, Sarmento afirma que eles devem esclarecer e orientar o povo mas não tutelá-lo. E sobre os erros que necessariamente serão cometidos, Sarmento observa, dirigindo-se a José Boleto: «Creio que foi o seu amigo José Miguéis que escreveu algures: mais vale errar pelo nosso próprio esforço que acertar pela mão de outrem.»⁷⁵

Miguéis, o próprio, acaba por afirmar:

«Estes debates tinham abalado e esclarecido o estudante, sem no entanto lhe tirar todas as dúvidas; mas diminuída a sua resistência teórica, a leitura e a reflexão foram fazendo o resto. A revolução democrática só poderia vencer se tivesse um conteúdo económico e humanitário mais geral. Para transfigurar o Alentejo e o país, não bastava mudar a tabuleta ou a equipa governativa, e arvorar o pendão de novas instituições: era preciso ir mais longe... [...] De flor de retórica política, mas estéril, a província ia-se tornar a alavanca da radical transformação económica, social, moral e cultural dum povo inteiro: da «revolução idealista no mundo real»! Por isso, José Boleto se empenhava agora em cativar o tradicional fermento do insurreccionismo alentejano. A questão básica dos princípios, quanto a ele, ficara resolvida.»⁷⁶

⁷³ O tipo físico do Eng. Sarmento e certas atitudes pessoais são de Proença. A sua estada em casa de um poeta tradicionalista, à Costa do Castelo, é um episódio da vida de Proença, quando se refugiou no Palácio da Rosa, casa de Afonso Lopes Vieira.

⁷⁴ *O Pão...*, p. 126.

⁷⁵ *Idem*, p. 130.

⁷⁶ *Idem*, p. 135.

Uma conclusão provisória

«Entretanto, resolvi sair de Portugal. Estava-se em 35. A Censura proibia que o meu nome saísse nos jornais. Tinha-me formado em pedagogia, mas não podia ensinar. Também não podia ser escritor nem advogado.»⁷⁷ Também não tinha, como é evidente, qualquer futuro político.

Assim termina este período da vida de Miguéis.

«Para mim, foi um tempo de angustiosas indecisões, ou decisões fatais, de clivagem e entrada no plano inclinado que me levaria da doutrinação, da pedagogia e da fidelidade ao “real” e “objectivo” à expatriação onde, tendo repetido todos os erros do passado e explorado todas as possibilidades do não-futuro, vi renascer, ao cabo de trinta anos, a crise dos meus vinte. Mas não escrevo memórias, talvez nunca as escreva: a não ser transpostas em ficção, ou quando um *flash* de lembrança, como agora, me ilumina.»⁷⁸

Sempre que Miguéis evoca, na sua ficção, estes anos finais da sua estada em Portugal sugere que o assunto «não vem para o caso», «talvez um dia conte», «mas isto não vem a propósito».

Este laconismo, certamente ditado durante muitos anos por razões de segurança, tem também posteriormente a ver com a modificação das posições políticas de Miguéis. Talvez entre os seus inéditos venham a ser encontrados textos sobre a sua vida política em Portugal nos anos anteriores à sua partida para a América.

Todavia, podemos já fazer algumas afirmações.

A partir de 1926, a censura instalou-se para ficar e a repressão, que cresce, atinge a sua fase institucional em 1932, ano em que são proibidos os partidos políticos, os sindicatos e as associações secretas.

A oposição ao regime, por parte dos sectores republicanos, foi fraca e ineficaz. A ditadura satisfaz algumas das aspirações económicas das classes médias e também a sua aspiração de governo estável e de repressão aos movimentos operários, e, com isso, retirou à oposição republicana grande parte da sua base social de apoio.

Por outro lado, os «políticos» persistiram durante longos anos no sectarismo partidário e foram incapazes de encontrar uma plataforma

⁷⁷ Entrevista a M.^a Antónia Palla, *Expresso*, 5 de Setembro de 1981.

⁷⁸ «O Corcundinha», in *Espelho Polidrico*, p. 99.

de acção unitária com um mínimo de estabilidade. A sua acção contra a ditadura teve sempre um carácter mais ou menos putchista e foram facilmente dominados. Assim se gerou a pouco e pouco a situação da resistência conhecida por «revirinho», ou seja, a de uma oposição puramente formal, baseada na coragem pessoal mas sem qualquer consequência prática.

Do lado operário, o anarquismo está em franca decadência nos anos 30 e o Partido Comunista praticamente ainda não existe, embora existam dirigentes anarquistas e comunistas prestigiados pela sua acção e vítimas privilegiadas da polícia política. Entre eles, Bento Gonçalves, com quem muitos intelectuais tiveram encontros clandestinos, como alguns seareiros e o próprio António Sérgio.

É plausível que Miguéis tenha estado ligado ao Partido Comunista, mas é difícil ponderar o grau e o significado desse comprometimento, já que o PCP é, nesta época, uma pequena organização muito fluida e de ideologia confusa. Para lá do significado ético do facto, resta-nos a leitura de Miguéis, da qual se conclui a sua adesão afectiva aos comunistas⁷⁹ e um credo político que decorre da sua experiência portuguesa e de uma óptica de esquerda que em nenhuma ocasião se pode considerar marxista. Sob este aspecto – o da sua militância em movimentos políticos – seria porventura muito mais interessante estudar a sua vida nos EUA durante a guerra civil de Espanha e a Segunda Guerra Mundial – o que sai fora do âmbito deste trabalho.⁸⁰

Miguéis sentiu, como outros elementos da sua geração, que desde a Primeira Guerra aspirava ao socialismo, o fascínio da revolução radical. Nada tendo a ver com o socialismo a que a esquerda da República aspirava, ela era a sequência heróica dum sentimento revolucionário vagamente libertário e a consequência lógica da sua profunda convicção de que as revoluções se fazem de baixo para cima e não de cima para baixo.

⁷⁹ Ver designadamente «Breve Encontro com Malraux», *Espelho Poliédrico*.

⁸⁰ O Depoimento do Sindicalista Emídio Santana, recolhido por Luís Salgado de Matos (publicado já depois do Simpósio sobre Miguéis), vem confirmar a possível ligação de Miguéis ao PCP. Veja-se «O Movimento Operário em Portugal» in *Análise Social*, n.ºs 67, 68, 69, p. 962.

Existe em Miguéis uma contradição entre um romantismo radical e a aversão ao conflito, uma descrença no próprio radicalismo, se não em termos teóricos, pelo menos na situação concreta do país. A ambição de Paz e Liberdade que Miguéis tem para todos os homens e para os portugueses situa-se muito mais perfeitamente nos termos de uma dialéctica opressor-oprimido, sejam eles quais forem, que no campo teórico da dicotomia burguesia-proletariado.

O proletariado português é muito restrito e os «oprimidos» são, para Miguéis, uma camada muito mais vasta e para ele muito mais significativa do povo. O seu combate político é contra a grande burguesia da indústria e da finança – que no período da República controla, por cima dos partidos, a economia portuguesa e que, incomodada pelos «políticos», apoiará a ditadura.

Por outro lado, na sua análise política e psicológica do burguês odiado – o argentário, o novo-rico, o «de cima» – e do burguês explorado – o pobre, o arruinado, o «de baixo» que, na sua generosidade, nunca «passará da cepa torta» – Miguéis acaba por encontrar o burguês simplesmente; e é aí, nas misérias e grandezas de uma classe dividida, indecisa, volúvel, enganada pela propaganda e sem ninguém que a represente, que Miguéis encontra a sua gente e se encontrará a si próprio.

Será este caminho – o do descoberta de si próprio e o assumir duma condição e de uma situação de momento sem saída – a causa do seu sofrimento e a razão de ser da sua ironia? Da forma como, ora com orgulho, ora com desprazer e mesmo a contragosto se assume como burguês, português, «lusitanus vulgaris»?

Esperemos que os inéditos no-lo revelem pois, para bem nosso e mal dele, Miguéis é o escritor que mais expressivamente nos dá o testemunho da frustração política da sua geração.